

CADERNO C

"TUDO NO MUNDO EXISTE PARA, ALGUM DIA, TERMINAR EM UM LIVRO"

STEPHANE MALLARME (1842-1898), POETA FRANCÊS



LIVROS & LEITURAS • SÉRGIO DE SÁ // SERGIO.SA@TERRA.COM.BR

Carpe diem

O mais pop de nossos poetas contemporâneos, o gaúcho Fabrício Carpinejar completa dez anos de poemas publicados com o relançamento de toda a obra pela editora Bertrand Brasil. O primeiro livro a ganhar cara nova, com direito a alterações dentro do texto, é *Um terno de pássaros ao sul*. Com seu jeito despachado e a compreensão do valor midiático, Carpinejar vem quebrando barreiras, encurtando distâncias, enxertando poesia no dia-a-dia. Há quem torça o nariz para o que se considera excesso de performance. Há quem veja nisso a possibilidade de sobrevivência da poesia além das fronteiras cerradas do gueto.

De primeira

Outra forma de tirar a poesia de seus domínios feudais é, segundo aposta de Nicolas Behr, abrir a voz para o povo. Behr criou o projeto Poesia de Segunda, que estreou nesta semana e acontecerá toda segunda segunda-feira de cada mês, no Quiosque Cultural comandado por Ivan "Presença", no Conic. O microfone fica aberto, "sem inscrição, sem burocracia", para quem quiser declamar, ler, interpretar, dizer poesia. O próximo evento está marcado para o dia 14 de abril. Só para amadores.

Flip

A língua portuguesa sai na frente entre os primeiros nomes internacionais anunciados para a Festa Literária Internacional de Paraty deste ano. Francisco José Viegas (Portugal), Luís Cardoso (Timor Leste) e Pepetela (Angola) virão ao encontro marcado para julho, de 2 a 6. Completam a lista inicial o italiano Alessandro Baricco, o francês Pierre Bayard, o argentino Tomás Eloy Martínez, o norte-americano David Sedaris e a inglesa Zoe Heller.

Diálogo e desequilíbrio

Um concerto em tom de conversa (Editora UFMG) traz, além do bate-papo anunciado no título, textos de Agustina Bessa-Luís e Manoel de Oliveira (foto), com organização e introdução do italiano Aniello Angelo Avella. A escritora e o cineasta portugueses são amigos de longa data. Ele adaptou às telas cinco romances da ganhadora do Prêmio Camões (2004).

Os textos do pequeno volume (116 páginas) são elogios recíprocos, agradecimentos, pequenas reflexões e, no caso do diretor, também poemas. O que escreve Manoel de Oliveira vem sempre seguido de decepção. É preferível "ver" o que ele tem a dizer. Na conversa com Bessa-Luís, essa impressão ganha ainda mais força.

Enquanto a autora de *Vale Abraão*, continuamente, se desvia do pensamento comum, o diretor de *Um filme falado* repete obviedades como se as dissesse pela primeira vez. O pingue-pongue entre os dois maiores nomes da arte portuguesa hoje mostra uma escritora viva e danada de lúcida, antenada às demandas do mundo contemporâneo.

Oliveira parece parado no tempo. Faltam-lhe três dos quatro elementos do tempo-movimento que compõem seus filmes, como ele mesmo explica em "Conferência na Universidade de Roma Tor Vergata". De posse da palavra, sente bastante a ausência de imagem, som e música. Assim sendo, por escrito, sai perdendo. Quando faz poesia, então, nem se fala.

Alessandro Bianchi/Reuters - 6/9/07



Hipopótamos beats

Importa a qualidade do que vem por aí? A notícia já vale. Será publicado em inglês, ainda este ano, um romance inédito assinado por uma dupla do barulho: Jack Kerouac e William Burroughs, responsáveis (ou irresponsáveis) pela Geração Beat norte-americana. Baseado no assassinato de David Kammerer pelo beatnik Lucien Carr, amigo dos autores, *And the hippos were boiled in their tanks* não tem mesmo muita chance de ser grande coisa. O próprio Burroughs dizia que o romance não prestava. E o biógrafo de Kerouac, Gerard Nicosia, não deixou por menos. Em declarações à imprensa, disse que o duo se divertiria em ver o livro publicado: "Deve ser muito ruim". Outra alternativa para Burroughs e Kerouac seria botar o pé na estrada. De vergonha.

Nota SS

Para os fãs (me incluam nesse time): Sérgio Sant'Anna colocou novo texto no ar do site Cronópios (www.cronopios.com.br), *Oração a uma jovem defunta nua*. Aproveite para ler outras seis inserções do autor.

Achados e perdidos

Perguntei por Pedro Juan Gutiérrez há três colunas. E veio a notícia de que o escritor cubano é um dos convidados do "curso de altos estudos" Fronteiras do Pensamento Copesul Braskem. Além do autor de *Trilogia suja de Havana*, estarão em Porto Alegre e Salvador, entre abril e novembro, Beatriz Sarlo, Simon Schama, Christo e Jeanne-Claude, Daniel Libeskind, David Byrne, Jack Lang, Michel Onfray, Philip Glass, Tariq Modood e Wim Wenders. Um time nem um pouco desprezível. Serão dois encontros mensais para debater a arte e a linguagem na cultura contemporânea. Mais informações: www.frenteirasdopensamento.com.br

Ensaaios da modernidade

 ALEXANDRE PILATI
 ESPECIAL PARA O CORREIO

O público brasileiro tem mais uma oportunidade de travar contato com a obra densa, luminosa e cheia de poesia do poeta inglês Percy Bysshe Shelley (1792-1822) com a nova publicação de *Uma defesa da poesia e outros ensaios*. Na edição bilíngüe, o leitor terá oportunidade de conhecer, também em inglês, ensaios que certamente cumpriram papel importante no delineamento da estética e do conceito de subjetividade que guiariam escritores dos séculos 19 e 20.

Uma defesa da poesia e outros ensaios apresenta o espírito inquieto e minuciosamente especulativo de Shelley. O talento do jovem poeta (morto prematuramente em um naufrágio na Itália) exhibe-se em textos que podem ser divididos em duas categorias abrangentes. A primeira delas compreende escritos cujo assunto central gira em torno de temas filosóficos, éticos e morais. Fazem parte desse conjunto os ensaios: "Sobre o amor", "Sobre a vida", "Sobre a existência de uma vida futura", "Sobre as especulações da punição da morte", "Sobre a moral" e "A necessidade do ateísmo".

Neles, é possível encontrar um Shelley que combate com fervor no terreno das idéias, sem perder as rédeas da elaboração do estilo poético, que é cultivado com cuidado no discurso dos ensaios. Assim, defesa de idéias e poesia caminham juntas, mostrando a luz de uma mente capaz de captar a exigência de seu tempo. No texto sobre a pena de morte, por exemplo, é impressionante o modo com que Shelley sublinha

Textos luminosos do poeta Percy Shelley delineiam contornos para a arte e a subjetividade modernas

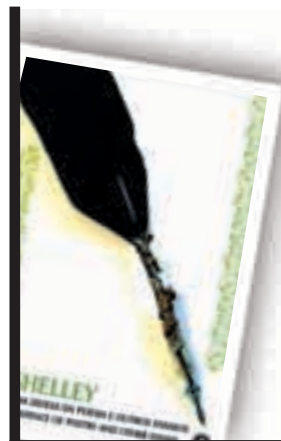
que a organização racional do mundo caminha juntamente com uma brutalidade surda, que faz o discurso em favor do bem aparecer com sua contraface de barbárie. É também marcante a voz de Shelley em "A necessidade do Ateísmo", de 1811, que condensa as idéias que fizeram o poeta ser expulso da Universidade de Oxford. Diz ele a seco: "Deus é uma hipótese e, como tal, permanece na necessidade de prova: o ônus da prova permanece com os teístas". Há ainda trechos de uma beleza quase maneirista, que jogam com a delicadeza das metáforas e a torção de conceitos, como em "Sobre o amor": "Tão logo este querer ou poder [o amor] está morto, o homem torna-se um sepulcro vivo de si mesmo, e o que nele ainda sobrevive torna-se mera casa daquilo que foi um dia".

Outro grupo de textos de *Uma defesa da poesia...* é o que trata da poesia e das artes em geral. Aí se encaixam os ensaios "Sobre a literatura, as artes e os hábitos dos atenienses", "Prefácio ao banquete de Platão" e o texto de maior fôlego, que dá título à publicação. Nesses textos, Percy Shelley mostra conhecimento profundo da arte na Antiguidade Clássica. "Uma defesa da poesia" é uma argumentação cuidadosa, apaixonada e bela. Shelley arma-se de palavras e retórica para mostrar a imbricação entre a arte e a comunidade grega e como essa imbricação foi cambiando nas eras seguintes, contribuindo de modo decisivo com o vetor civilizatório da evolução humana. Segundo ele, as tragédias gregas eram "como espelhos nos quais o espectador observa a si mesmo, sob



um frágil disfarce de circunstância". É por isso que para Shelley, como representação da grande arte, "um poema é a própria imagem da vida, expressa em sua verdade eterna". Eis por que ela é necessária.

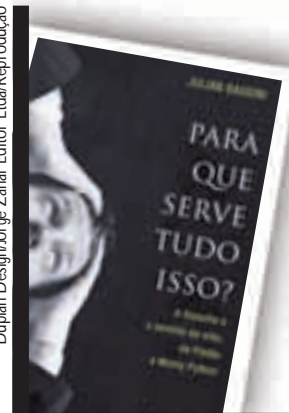
Os ensaios de Shelley trazem, entretanto, muito mais do que isso. Lendo-os com atenção é nos concedido um mapa, ainda que difuso, das fronteiras que a arte e a subjetividade burguesa construíam para si mesmas no século XIX. Trata-se do esforço de esquadriñar, em tempo real, um contexto filosófico/social onde, como diria outro ilustre inglês, o crítico Terry Eagleton: "a arte ainda poderia falar do humano e do concreto, permitindo um descanso bem-vindo frente aos rigores alienantes dos outros discursos mais especializados, e oferecendo, no coração mesmo desta grande explosão e fragmentação dos saberes, um mundo residualmente comum". Esses resíduos civilizadores da substância humana é que formam o delicado material de trabalho dos brilhantes ensaios de Shelley.

 ALEXANDRE PILATI É DOUTOR EM LITERATURA BRASILEIRA E POETA, AUTOR DE *PRAFORA* (7LETRAS, 2007)


UMA DEFESA DA POESIA E OUTROS ENSAIOS

De Percy Shelley. Tradução de Fabio Cyrino e Marcella Furtado. 144 páginas, R\$ 24,50. Landmark Editora.

Editora Landmark/Divulgação



PARA QUE SERVE TUDO ISSO?

De Julian Baggini, tradução de Cristiano Botafogo. Jorge Zahar Editor, 216 páginas, R\$ 29,90.

Duplan Design/Jorge Zahar Editor. Lida/Reprodução

Responder à questão "qual o sentido da vida?" mobiliza filósofos e interessados em geral desde o início dos tempos. O autor, aqui, não tem a arrogância de querer respostas, mas se propõe a multiplicar as perguntas em torno da felicidade, da realização, a partir do que vem sendo acumulado pela humanidade ao longo dos séculos. De Platão a Nietzsche e Sartre, do *Mochileiro das galáxias* a *Frankenstein*, de Mary Shelley, o livro busca referências clássicas e contemporâneas para orientar uma introdução à filosofia.

Jamil Casali/Editora Publicações S.A./Reprodução



TUDO O QUE SEI APRENDI COM A TV

De Mark Rowlands, tradução de Elvira Serapicos. Ediouro, 224 páginas, R\$ 34,90.

O uso de seriados de tevê como mote para análises filosóficas não é novidade (foi feito antes em obras como *Seinfeld e a filosofia*, de William Irwin). Neste volume, o autor, o professor inglês radicado nos EUA, aborda programas como o próprio *Seinfeld*, *Família Soprano*, *Os Simpsons*, *Friends*, *Buffy*, *24 horas*, *Frasier* e *Sex and the city* para trabalhar com conceitos como moral, amor, justiça. A base são os conceitos clássicos de Platão, Aristóteles, Schopenhauer, Freud, Descartes, os epicuristas, o modernismo etc., mas o comportamento dos personagens é que ilustra tudo.

Kiko Farías e Elisa Cardoso/Maquina Estúdio/Reprodução



VARIEDADES DA EXPERIÊNCIA CIENTÍFICA

De Carl Sagan, tradução de Fernanda Ravagnani. Companhia das Letras, 304 páginas, R\$ 49,50.

Divulgador da ciência, Sagan (1934-1996) tinha o dom de falar com facilidade sobre temas às vezes espinhosos. Este volume reúne conferências ministradas por ele em 1985 e organizadas por sua viúva, Ann Druyan, sobre a questão religiosa. Com a sagacidade e o bom humor de sempre, o cientista não nega a existência de Deus, mas discute a interferência da religião nas questões científicas. Para ele, ainda que exista uma inteligência superior, a religião deveria se ater à função de nortear o comportamento humano.

Mario Guilherme/Editora Rocco Ltda/Reprodução



MUNDOS PARALELOS

De Michio Kaku, tradução de Talita M. Rodrigues. Editora Rocco, 372 páginas, R\$ 55.

Professor de física teórica em universidade de Nova York, autor do elogiado *Hiperspaço*, o cientista aqui discute um conceito ao qual nos habituamos a partir da ficção científica: os universos paralelos. Ele explica que as visões da cosmogonia evoluem lentamente. Sofreram duas grandes revoluções, no século 17, com a invenção do telescópio e as descobertas de Galilei sobre os movimentos dos corpos celestes; e no 20, quando o desenvolvimento da tecnologia permitiu novos instrumentos para compreensão do universo.

Mariana Newlands/Christie's Images/Corbis/LatinStock/Editora Schwarcz. Lida/Reprodução



A CRIAÇÃO

De Edward O. Wilson, tradução de Isa Mara Lando. Companhia das Letras, 198 páginas, R\$ 35.

Com o subtítulo de "Como salvar a vida na Terra", o biólogo norte-americano discute ações urgentes em defesa da natureza. E recorre até a uma carta dirigida a um pastor fundamentalista, daqueles que creem que a Terra foi criada como descrito na Bíblia, sem a concorrência de conceitos científicos como a evolução das espécies. Para mostrar como o homem transformou a natureza com sua ação, o cientista relata o caso de uma praga de formigas ocorrida na América Central no século 16 e somente desvendada recentemente por ele, graças ao entendimento dos ecossistemas.